

A construção do novo frontispício da igreja Matriz do Pilar de São João Del-Rei -1820-1860: alguns apontamentos históricos

The Construction of the new frontispiece of the Mother Church of the Pilar in São João del-Rei – 1820-1860: some historical appointments

André Guilherme Dornelles D'angelo e Vanessa Brasileiro

RESUMO

A atual Catedral Basílica de Nossa Senhora do Pilar de São João del-Rei, edifício religioso fundado em 1721 e tombado pelo IPHAN como Monumento Nacional desde 1938, considerado como um dos edifícios mais emblemáticos da arte e da arquitetura de Minas setecentistas, paradoxalmente é muito pouco estudado. As lacunas percebidas se justificam por ser um edifício muito transformado no tempo, tendo esse monumento sofrido sucessivas campanhas de obras: teve início ainda em 1755, com forte vinculação à arte joanina; num segundo momento, no período entre 1780 e 1810, volta-se para a arte rococó; e já no século XIX, a partir de 1820, após ampla remodelação arquitetônica ligada à nascente linguagem neoclássica, pouco valorizada pela nossa historiografia arquitetônica, completou-se sua imagem atual. O presente artigo propõe, assim, retomar essas questões e investigar a possível autoria do novo frontispício neoclássico, edificado pelo Mestre Candido José da Silva entre 1820 e 1854.

Palavras-Chaves: arquitetura religiosa luso-brasileira – século XIX; História Urbana; cultura arquitetônica

ABSTRACT

The Cathedral Basilica of Nossa Senhora do Pilar of São João del-Rei, a religious building founded in 1721 and listed by IPHAN as a National Monument since 1938, considered one of the most emblematic buildings in art and architecture of Minas Gerais in the 18th century, is paradoxically very little studied. The perceived gaps are justified by the fact that this building has been greatly transformed over time, having this monument undergone successive work campaigns: it began in

1755, with a strong connection to Joanine art; in a second moment, in the period between 1780 and 1810, it turned to rococo language; and already in the 19th century, from 1820 onwards, after extensive architectural remodeling linked to the nascent neoclassical language, underestimated by our architectural historiography, its current image was completed. This article therefore proposes to return to these questions and investigate the possible authorship of the new neoclassical frontispiece, built by Mestre Candido José da Silva between 1820 and 1854.

Keywords: Luso-Brazilian religious architecture – 19th century; Urban History; architectural culture

Pelos inúmeros relatos históricos, sabemos que o crescimento e a importância da cidade de São João del-Rei, ainda que fundada em 1713, alcançou o seu maior momento de desenvolvimento econômico, social e cultural durante o século XIX, e não no século XVIII como acontecera nas outras vilas da Capitania, embora seja inegável a importância da civilização do ouro e da cultura do chamado Barroco Mineiro, como elementos formadores da mentalidade e do modo de vida locais durante todo o século XVIII.

Autores importantes que trabalharam com a economia dessa região durante o século XIX, como Roberto Martins, Walmir Silva e Afonso de Alencastro Graça Filho, demonstraram, com grande competência acadêmica, o avanço e o desenvolvimento alcançado pela Vila de São João del-Rei durante o século XIX.¹ A partir desses estudos, podemos verificar com clareza que a cidade de São João del-Rei, como cabeça da grande Comarca do Rio das Mortes, encontrava-se numa posição privilegiada para o comércio, o que trouxe o seu rápido enriquecimento durante o século XIX. Nas palavras de Augusto Viegas, a Vila de São João del-Rei, constituíra verdadeiro entreposto comercial em relação às populações que essas velhas vias ligavam” (VIEGAS, 1942, p.110).

¹ Ver mais sobre esse tema in: “São João del-Rei, uma Cidade do Império” - Renato Pinto Venâncio e Maria Marata Araújo (org.), 2007, Edição do Arquivo Público Mineiro, e Afonso de Alencastro Graça Filho in: “A Princesa do Oeste e o Mito da Decadência de Minas Gerais – São João del-Rei (1831-1888)”

Como demonstra Graça Filho (2002), a região já estava direcionada a produzir e comercializar gêneros de primeira necessidade, principalmente agrários, que eram negociados na própria Província de Minas e em outras praças importantes, como Goiás, Mato Grosso, São Paulo e, principalmente, a Província do Rio de Janeiro. A antiga capital do Vice-Reinado tornara-se sede do Reino de Portugal, Brasil e Algarves com a chegada da Corte em 1808, o que estreitaria, ainda mais, as antigas relações políticas e culturais da Vila de São João del-Rei com a Corte. Este estreitamento logo traria o título de Cidade para São João del-Rei, em 06 de março de 1838, como um reconhecimento da sua importância e do seu desenvolvimento comercial, fenômeno que já era notado pelo acúmulo de capital desde a década de 1820. Desde 1822 já funcionava uma filial do Banco do Brasil na Vila, sendo que a partir de 1860, o Cel. Custódio de Almeida Magalhães, já abrira em São João del-Rei a sua *Casa Bancária* o que facilitaria ainda mais os negócios comerciais. Logicamente, isso teve consequências na área da arquitetura e das artes, ocorrendo rapidamente uma aproximação muito rápida com os valores de um academicismo neoclássico, e posteriormente com o gosto eclético, a partir de 1881, com a chegada da ferrovia à cidade, numa época que o Rio de Janeiro funcionava como um espelho estético para o desenvolvimento de costumes e hábitos culturais, muitos deles com raízes também no Vale do Paraíba carioca, lembrando que Vassouras, foi uma cidade fundada pelo êxodo de famílias abastadas emigradas da região de São João del-Rei, como a do famoso Barão de Itambé, que foi Vereador do Senado da Câmara e deixou um imponente edifício no antigo Largo da Câmara, que se manteve na posse da família até meados do século XX.

Feita essas considerações iniciais, podemos agora entrar no significado das reformas impostas no novo frontispício da Matriz do Pilar e sua relação com o estudo do percurso histórico desse monumento. Infelizmente, a presença de muitas lacunas na documentação dessa edificação, tem sido para os historiadores de São João del-Rei um grande problema, que vem gerando, à décadas, dúvidas de atribuições artísticas e arquitetônicas nessa igreja, que começaram a ser lançadas desde o livro referencial do decano dos historiadores são-joanenses, Augusto

Viegas, publicado em 1942 pela Imprensa Oficial do Estado de Minas e intitulado “*Noticias de São João del-Rei*”.

Por parte do IPHAN a verdade é que, não sendo eles muito íntimos da arquitetura neoclássica e eclética, a Matriz de São João del-Rei, acabou julgada num primeiro momento como sem grande valor para preservação, sendo também por isso, tombada apenas em 1949. Muito desse preconceito, vinha da presença marcante da arquitetura neoclássica, não só na nova fachada da Matriz de São João del-Rei, iniciada em 1816, mas também nas obras estendidas até 1854 (incluindo o novo adro), segundo informam Augusto Viegas e Luiz de Melo Alvarenga.

Do mesmo modo, ninguém se interessava naquele momento em tentar ver o sentido maior do espírito neoclássico, que além da fachada, modernizou, dentro do possível, o espaço interno da igreja, com o “branqueamento dos altares”, pinturas de falsas ordens arquitetônicas, e nova maneira de fazer a paginação dos pisos, visto que agora os enterros tinham sido proibidos dentro das igrejas em todo o Brasil por Lei Imperial de 1828, e já existiam os cemitérios na cidades, a partir de 1830.

Neste sentido, a questão da atribuição do elegante projeto neoclássico do novo frontispício da Matriz do Pilar de São João del-Rei, nunca foi bem estudada, e por anos se manteve a versão existente na parte existente da documentação dos Arquivo da Matriz do Pilar de São João del-Rei, que esse erudito risco Neoclássico, construído a partir de 1816, seria obra do pintor tiradentino, Manuel Vítor de Jesus, de quem de fato existe um recibo nos Arquivos de um risco para esse frontispício, feito em 1817. Mas seria o que foi construído?

Para tentar estruturar essa resposta, gostaríamos de dizer, que em princípio, não existe dúvida a respeito de Manuel Vítor de Jesus ter feito um risco para o frontispício da nova Matriz do Pilar de São João del-Rei entre os anos de 1817-1818, como consta no Livro de Termos. Está registrada e clara essa afirmação.

A questão que gostaríamos de colocar aqui nesse artigo, é que, se é consenso que uma atribuição em história da arte precisa de coerência entre documentação e produção artística, e a obra conhecida e amplamente documentada de Manoel Vitor de Jesus, está totalmente ligada e integrada ao estilo Rococó, sendo de muita qualidade. Mas quando referimo-nos aqui em relação ao frontispício da Matriz do Pilar de São João del-Rei, falamos não de uma obra qualquer. Falamos de uma obra que expressa um Neoclassicismo de muita qualidade. Que representa, em nível de excelência, o rigor e a ordem desse estilo com muita erudição. Não é um trabalho de amadores. E, assim, criamos um paradoxo. Como seria isso possível?

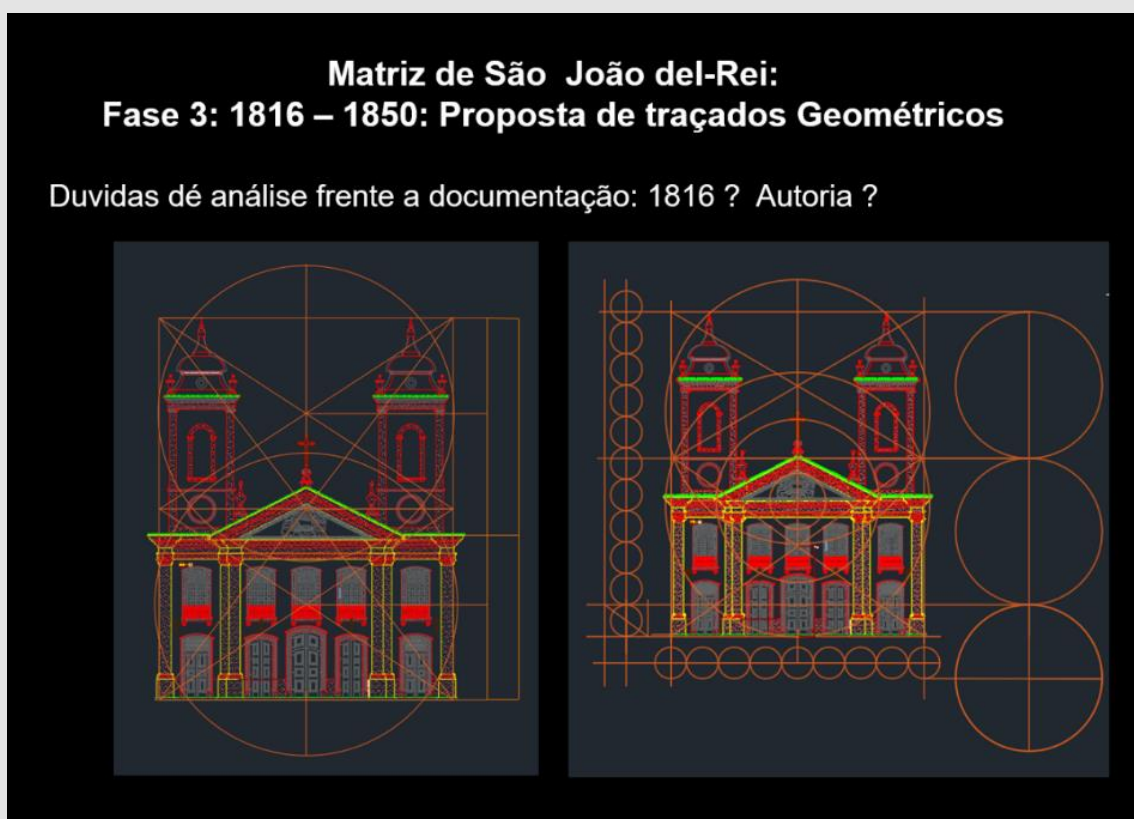
**Matriz de São João del-Rei:
Fase 1: 1816 - 1850**

1816- Que se pagou ao pintor Manuel Vitor de Jesus, de um um risco que fez e sua copia para o frontispício da nova Matriz do Pilar de São João del-Rei como consta no Livro de Termos.



Manuel Vitor de Jesus: Tiradentes c. 1755/1760 – 27 de abril de 1828) pintor, riscador e policromista.

Nos perguntamos, como alguém que trabalhou a vida inteira, artisticamente, com sinuosidade, liberdade e a assimetria das formas dentro da linguagem do rococó, como Manoel Vitor de Jesus, pode, de repente, se contrapor a isso tudo, sem que se conheça, neste estilo, nenhuma outra obra sua, uma transição que seja, que indique essa mudança? Neste sentido, pensamos ser impossível Manuel Vitor de Jesus ser considerado apto a fazer um projeto arquitetônico altamente sofisticado como esse, dentro do que melhor se produziu em termos de arquitetura religiosa em linguagem Neoclássica, estando certamente entre os melhores projetos produzidos fora da Corte, neste estilo, entre 1816 até 1852, quando foi acabado.



Além disso, quem concebeu esse projeto, utilizou uma estratégia urbanística que priorizava a monumentalização da igreja em relação à cidade, dando a ela uma importância arquitetônica na percepção da paisagem, que a primeira matriz, certamente não tinha. E como o autor do projeto conseguiu isso? Fazendo uma estratégia diferente do que foi feito no novo frontispício da Matriz de Tiradentes,

ainda que lá, a igreja dependesse menos dessa “engenhosidade”, já que a sua posição no topo da colina, já dominava a antiga Vila de São José del-Rei. Aqui a igreja estava mais no plano. Neste sentido, o arquiteto, na sua estratégia, visivelmente, prioriza a monumentalização da fachada na Nova Igreja Matriz, buscando um impacto visual que chama atenção para ela, localizada no coração da Vila, a partir de quem entra pelos principais caminhos da cidade, seja pelo Caminho do Matola, seja pelo Caminho do Bonfim. Mas ela também se destacaria para quem viesse pelo antigo caminho tronco, sentido Tijuco, ou Prainha. Logicamente, nessa estratégia, as vistas laterais e do fundo ficariam mais prejudicadas, pois para verticalizar a fachada e reproporcioná-la, o arquiteto precisava se livrar das amarras da volumetria do corpo da antiga Matriz. Para quem vinha pela Rua Direita, para monumentalizar ainda mais a fachada, ele não só usa o belo desenho do adro como um espaço de transição e que desloca a fachada além do alinhamento da rua, como procura dar a esse adro uma escala que o anterior não tinha, além do mesmo ter um desenho moderno, onde a curva foi utilizada com precisão geométrica, longe do efeito dramático do Barroco, como vemos no adro projetado por Francisco de Lima Cerqueira na igreja de São Francisco. No adro,

**Matriz de São João del-Rei:
Fase 3: 1816 - 1850**

Relações de Escala Urbana



Vista de São João del – Rei – entrada do Matola c. 1880 – Acervo do A.P.M

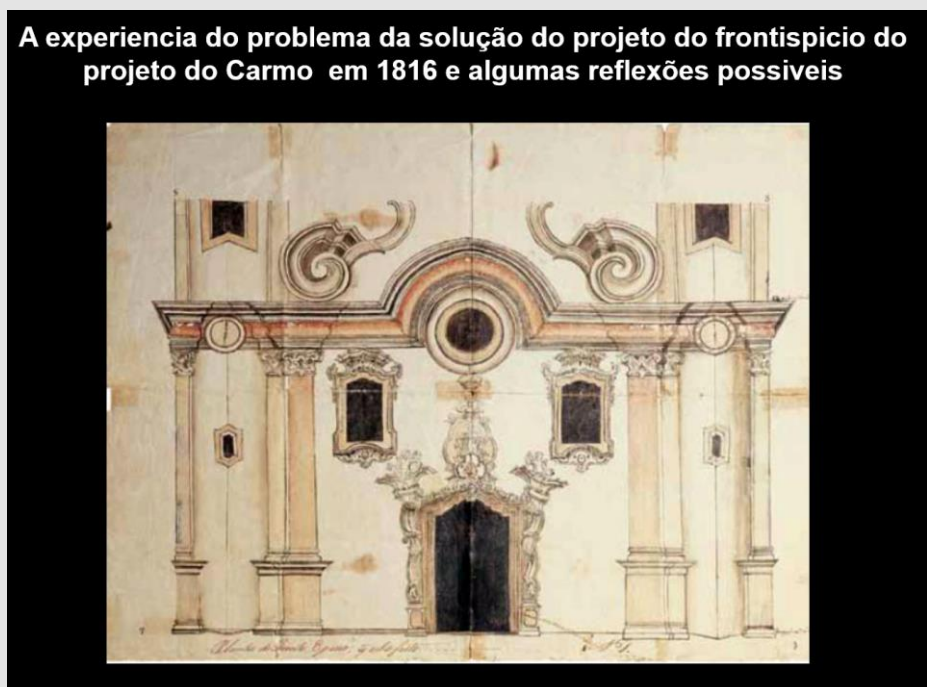
seus elementos já são clássicos, além da utilização das modernas grades de ferro.

Tem muita erudição arquitetônica envolvida em todo esse “engenho e arranjo arquitetônico e urbanístico” e, por isso, estamos convictos que Manuel Victor de Jesus não é o autor desse projeto. Mas quem seriam os candidatos para tal feito arquitetônico sem termos o apoio da documentação dos Arquivos da Matriz? Essa de fato é uma pergunta muito difícil de ser respondida, mas algumas hipóteses podem ser colocadas.

Primeiramente, devemos lembrar o que já foi dito sobre a importância que a Vila de São João del-Rei começava a ter nesse período através das suas articulações políticas e comerciais, principalmente com a cidade do Rio de Janeiro. No campo da arquitetura, a maior prova disso está nos arquivos da Ordem do Carmo. Em 1816, tendo falecido os grandes mestres de obra que atuavam em São João del-Rei, Francisco de Lima Cerqueira em 1808, e seu discípulo, o Alferes Aniceto de Souza Lopes, em 1815, a cidade não tem mais um grande arquiteto e construtor perito em obras de grande porte. Como informa Aluizio Viegas, que estudou profundamente a construção da Igreja do Carmo, a Mesa da Ordem, sem saber a quem recorrer para terminar as torres e a empena, como demonstra o termo de 1816², manda fazer um risco do frontispício da igreja, como ele se encontrava, e decide consultar um importante arquiteto no Rio, que é João da Silva Muniz, arquiteto da Corte, que tinha vindo com a família Real para o Rio de Janeiro. Neste período ele já tinha feito o projeto da Matriz do Santíssimo Sacramento, padroeira da Nova Freguesia da área, chamada de “Cidade Nova”, que ia se urbanizando

4 Aos treze do mez de Ag^{to} de mil e oito sentos e dezaseis no Consistorio da Caza do despaxo desta Ordem 3^a da Snr^a do Carmo onde se achavãoprezentes o R^{mo} Com^{mo}, Ir. Prior que serve pelo atual e ahí juntos com os mais Irmaons e Definitorio que foram chamados p^a esta Meza foi proposto que tendo se asentado em Meza mandar-se vir da Corte hum Risco p^a continuar a obra pelo melhor Arquitecto q^{na} mesma ouvesse; e sendo convocado p^ahiso João da S^a Moniz, respondeu que a obra do Fronte Espicio que se acha feita, deveria ser abolida para principiar Arquitetura em plano novo; de outra maneira; como consta da sua Atestação que fica copiada no L^o Copiador a FLS 184: E considerando esta Ordem os inconvenientes p^a o fazerem, alem de 256\$000 que o mesmo Arquitecto pediopella fatura do Risco que se despunha a fazer. Asentarãouniformem^{te} em o parecer dos dois Mestres José Antonio Fontes e o Alf^e Valentim Corrêa Pais que forão chamados p^a o Exame e averiguação da Obra, e Asentarão q ^{siguisse a m^{mo} pello Risco que ellesapresentarão o qual fica por todos asignados e Concordamos uniformen^{te} a continuação da m^{mo} da maneira que delle se observa con dois altares colaterais nos Lados das paredes e tribunas na forma do m^{mo} Risco e a beneplacito de todos. E para constar fiz este termo que todos assignarão depois de lhes ser lido por mim Secretario que o Escrevi a assigney.(ass.) O Com. José da Silva Pacheco / João de Souza Caldas / Manoel Moreira da Rocha secretario / Felipe Gomes Pereira, Thesoureiro / o Pe. Custodio de Castro Moreira / Manoel José da Costa / Caetano Alves de Magalhães / Procurador O Te. José Antonio Ferreira da Costa / o Pe. João Gonçalves Moira / o Pe. Manoel José Corrêa de Alvarenga / Antonio José da Silva Branco / Custodio José Alves Moreira / João Baptista de Magalhães / Valentim Moreira / Antonio Dias Raposo / Manoel Soares Lopes / Luiz Alves de Magalhães / Jeronimo José Roddrigues / Antonio José Coelho / Manoel José Simoens.}

rapidamente com a chegada da Corte, e, posteriormente, também fez o projeto e foi mestre de obras da Igreja de São José. Era um arquiteto já de formação Neoclássica, mais na forma, cujo estilo tinha sido assimilado em Lisboa a partir de 1755.



Como vemos na leitura da documentação citada, o arquiteto João da Silva Muniz, de formação neoclássica, considerou o risco ultrapassado, orientou a demolição de tudo, e se ofereceu para fazer um risco atualizado, dentro dos preceitos modernos, pela quantia de 256\$000.³ Era realmente um absurdo a proposta do arquiteto João da Silva Muniz, mas demonstra duas coisas. A primeira é como os estilos que ficavam antigos e desprezados pelas novas modas da Corte, caíam em descrédito rapidamente. A segunda é que, naquele momento de prosperidade econômica, não se podia descartar, diante da complexidade e qualidade, já expostas, que envolviam o projeto do novo frontispício da Matriz do Pilar de São João del-Rei, que a

³ Como informa Aluísio Viegas, os mesários do Carmo acabaram agindo com bom senso. Resolveram, então, convocar dois bons artistas: Valentim Corrêa Paes e João Antônio Fontes (o primeiro notável escultor, e o segundo, um bom mestre pedreiro), que fizeram os planos para dar continuidade à obra, que é a que conhecemos, e que se arrastou por quase todo século XIX, sendo concluída a parte do definitório e parte do corredor lateral esquerdo na primeira década do século XX. Segundo Viegas, esse risco é planta do frontispício do Carmo incompleta, que está hoje no Museu da Inconfidência, erroneamente atribuída ao Aleijadinho, no que concordamos plenamente com o eminente professor e historiador são-joanense.

Irmandade do Santíssimo não tenha tido opção e recursos para encomendar um projeto atualizado no Rio de Janeiro. O caso acontecido no Carmo, pode até ter servido de alerta para uma mudança de hábitos e costumes que estavam em mutação, e alertado a Irmandade, que teria que investir uma quantia substancial nessa empreitada de fazer um projeto atualizado com o novo gosto. Sabemos, pela documentação, que em 1816, ainda se tiravam as pedras da pedreira para a construção do novo frontispício. Essa, no nosso entender, seria uma boa hipótese para justificar o descarte do projeto feito por Manuel Victor de Jesus.

Mas mesmo esta hipótese sendo válida, e acreditamos nisto, continuamos ainda sem uma opção para, pelo menos, sugerir quem seria o autor desse risco. E por que isso? Porque analisando toda a produção de arquitetura religiosa Barroca, Neoclássica e Eclética produzida na cidade do Rio de Janeiro, já publicada pela professora Sandra Alvim (1999), e estendendo essa avaliação a toda produção de arquitetura religiosa mais significativa das cidades importantes do Vale do Paraíba durante o século XIX, como Vassouras, Valença e Areias, não encontramos uma resposta total para o nosso problema historiográfico e artístico.

Fica claro, analisando esse projeto do ponto de vista da suas proporções e do traçado arquitetônico, que ele está totalmente em sintonia com os valores de rigor e ordem do Neoclassicismo mais erudito, com os modelos de verga das suas portas e janelas feitos em segmento de arco, ao gosto da arquitetura carioca do século XVIII. Isto é quase uma digital, para quem trabalha com história da arquitetura, de que esse projeto tem uma vinculação direta com os arquitetos do Rio de Janeiro, mas, por outro lado, essa solução de verga não corresponde ao arco pleno ligado ao repertório Neoclássico. Como também, as cúpulas são de filiação mais barroca, e até remetem, na sua estrutura de composição, ao projeto do Aleijadinho de 1774 para os Franciscanos de São João del-Rei, logicamente, reproporcionadas. Mas a composição plástica é muito parecida.

Dito isso, eu caminharia para três hipóteses possíveis de serem avaliadas:

1) A primeira, que acredito mais realista, é que, sendo essa uma Igreja Matriz, que sob o Padroado tinha suas ligações com a Coroa, algum Engenheiro Militar, solicitado pela Fábrica da Matriz, tenha sido o responsável pelo risco. Essa colaboração ocorreu duas vezes na Matriz do Pilar de Vila Rica.

2) A segunda, que tenha vindo um risco do Rio mais atualizado, mas que acabou sendo mudado em alguns aspectos pelo excelente construtor que era o mestre Candido José da Silva, mas que não era um grande arquiteto⁴, pelo que conhecemos da sua obra como arquiteto na Matriz da Vila do Presídio do Rio Negro, de 1852, o que torna essa hipótese menos plausível.

Matriz do Presidio do Rio Preto/Mg

Projeto do Mestre Cândido José da Silva de 1852



⁴ Podemos fazer essa avaliação porque, pela documentação da igreja do Carmo, sabemos que ele assumiu a obra a partir de 1846. Em 1852, aos 64 anos, o Mestre Cândido José da Silva requer aumento do seu ordenado por ter sido convidado para construir a igreja matriz do Presídio do Rio Preto para a qual ele havia feito o *risco*. A Ordem concorda com o aumento desde que ele fique em São João del-Rei até o fim da obra. O risco dessa igreja de Rio Preto deixa muito a desejar e está muito longe das premissas de erudição do arquiteto que fez o novo risco da Matriz de São João del-Rei.

3) A terceira, que esse projeto tenha sido feito, pelo único arquiteto, construtor e ferreiro, de talento, que atuava em São João del-Rei nesse período, o português Jesuíno José Ferreira⁵.

Segundo as palavras de Aloísio Viegas (1988) que também escreveu muito sobre a Matriz do Pilar de São João del-Rei:

Na lateral direita da Igreja do Carmo está edificado o Cemitério da Ordem Terceira, cujo portão de ferro é o mais expressivo de todas as obras em ferro executadas no período colonial brasileiro. É digno de admiração. Foi projetado e executado pelo mestre ferreiro Jesuíno José Ferreira e tem a data do término da obra em 1836, encimando suas iniciais. A execução deste portão é um capítulo interessante das artes em Minas Gerais e, ainda que sucintamente, vale a pena descrever. O mestre ferreiro, Jesuíno José Ferreira, elaborou o risco e foi contratado pela Ordem do Carmo para executar a obra. No contrato especificou-se o tempo de duração e todas as condições, inclusive os pagamentos. Iniciada a obra, ela se revelou muito mais difícil do que imaginara o mestre Jesuíno. Não cumprindo o prazo estipulado no contrato e tendo recebido a maior parte do valor da obra, a Ordem acionou a Justiça e mestre Jesuíno foi preso e a sentença dada foi a conclusão da obra no mais breve espaço de tempo possível. Jesuíno, pela manhã ia para sua oficina de ferreiro sob escolta policial e lá trabalhava todo o dia e à noite era recolhido ao xadrez. Assim era a férrea Justiça colonial. Entretanto Jesuíno foi vingado pela própria história. Seus algozes foram esquecidos na noite do tempo e seu nome de artista permanece vivo na sua magnífica obra e também no risco que elaborou para a construção da Casa da Câmara e Cadeia, atual Prefeitura Municipal⁶ (VIEGAS, 1988)

⁵ Temos poucos dados desse artífice. As pesquisas ainda precisam ser aprofundadas. Segundo os relatos, era português de nacionalidade. Entretanto, o fato de ter feito o projeto do novo Cemitério do Carmo e o primeiro risco do novo Paço Municipal, ambos por volta de 1830, com forte influência dos padrões Neoclássicos, o torna um forte candidato para ter atualizado o frontispício da Matriz a esse novo gosto.

⁶ A autoria do projeto da nova Casa de Câmara e Cadeia de São João del-Rei, atual Prefeitura, é uma questão ainda em aberto. A documentação arrolada pelo Dr. Francisco Mourão Senior, em 1924, na publicação "Tradições de São João del-Rei", publicada pela Tipografia Comercial, fala de pagamento a vários riscos. É verdade que Jesuíno José Ferreira aparece sendo pago por um primeiro risco, em 1831, mas Venâncio José do Espírito Santo por duas versões do risco, o primeiro em 1834 e o segundo em 1835. Aparece também na documentação diversos pagamentos de risco a Quintiliano Gonçalves de Moura, que parece ser um copista. Augusto Viegas, na sua autoridade de decano dos historiadores são-joanenses, atribui o risco a Jesuíno José Ferreira. Não fica claro se fachada e planta fazem parte de um mesmo conjunto de riscos na documentação. José Gaede, outro historiador são-joanense, que conviveu com as netas de Venâncio José do Espírito Santo, no seu Livro sobre a construção da Igreja de São Francisco, afirma que elas tinham um livro de registros de trabalhos feitos por Venâncio, e que lá constava que ele tinha sido o arquiteto da atual Prefeitura e do novo risco da fachada da Igreja das Mercês, executada em 1877. São projetos de mesma linguagem ornamental, mas de estilos diferentes. Carlos Magno Araújo, que tem no seu acervo uma pequena tela de São Paulo, com a assinatura do pintor, considera a sua pintura mais Neoclássica. Assim é mais uma questão em aberto, que merece ser mais estudada no campo da Arquitetura.

Cemitério da Ordem Terceira do Carmo: 1820-1830
Projeto e Construção: Jesuino José Ferreira (mestre português)



Neste sentido, entendemos que temos uma boa chave de leitura no edifício anteriormente citado, o que fortalece nosso ponto de vista a favor dessa terceira hipótese. Isso porque, a análise do projeto do Cemitério do Carmo. Tem todo o espírito e características de simetria, rigor e ordem da linguagem Neoclássica, além das suas pilastras, os vãos do portal e antiga casa anexa, seguirem o mesmo modelo de verga de segmento de arte, à moda carioca, utilizado na construção da Matriz do Pilar. Além disso, a elegância do desenho do portão não nos deixa duvidar do talento para desenho e composição desse mestre, e suas qualidades para misturar a linguagem neoclássica com a do barroco. O desenho da grade desse sofisticado portão e o projeto desse cemitério, são provas do seu talento para isso. Mas teria ele a sensibilidade para engenhar as questões urbanísticas apontadas?



Pela documentação do adro, sabemos que o ferro para as grades foi comprado no Rio de Janeiro. Na metade do século XIX, com a facilidade de importação desse material e a presença da Corte Portuguesa, todas as igrejas do Rio começaram a ganhar adros com projetos muito parecidos com o da matriz de São João del-Rei, particularmente o que foi projetado para a igreja de São Francisco de Paula, quase idêntico na sua composição de elementos de ferro e cantaria. Certamente Jesuíno José Ferreira que, pela documentação, sabemos que trabalhou como ferreiro na construção desse adro, estaria também habilitado a projetá-lo. Infelizmente, existe pouca documentação sobre esse artífice que trabalhou tanto nas obras importantes de São João del-Rei do século XIX. No nosso olhar, não resta dúvida que ele conhecia bem o que se fazia no Rio de Janeiro nesse período, como demonstram as imagens selecionadas.



Neste sentido, sem documentação, entendemos, que frente as outras hipóteses apresentadas, que a presença de Jesuíno José Ferreira em São João del-Rei seria estilisticamente, a melhor resposta para explicar a arquitetura desse sofisticado projeto, lembrando que ele vai se desdobrar em outras modernizações em intervenções internas, dependentes do talento de um arquiteto mais ligado ao rococó, que atualizou a cimalha real, no final do século XIX, quando foi feita a construção do novo forro da nave, que ai sim poderíamos ver a presença do pintor sãojoanese Venâncio José do Espírito Santo, que também deve ter contribuído para a pintura das colunas de gosto neoclássico, hoje inexistentes, e credenciar a presença já em 1874, de seu filho Manoel Venâncio do Espírito Santo, que foi o responsável pela última campanha de obras, que ampliaria as sacristias, criaria a atual Capela do Santíssimo, faria a repintura do forro da Nave a tinta a óleo⁷.

Concluindo, entendemos entretanto, que é um trabalho que ainda carece de maior pesquisa documental que possa nos dar robustez de análise no campo da historia da arte e da arquitetura, para que possamos consolidar essa hipótese anteriormente colocada. Nesse trabalho será preciso principalmente encontrar mais documentos

⁷Segundo informação de Augusto Viegas, 1942, p.241: “Francisco de Oliveira Barreto, pintor que em 1880 trabalhou em reformas então executadas na Matriz, declara, em carta que me escreveu em julho de 1941, que naquela data, moço ainda, ai trabalhou sob a direção do pintor Manoel Venâncio, filho do grande artista Venâncio do Espírito Santo, sendo nessa ocasião apenas “retocada a pintura do forro do corpo da igreja, porque já estava aquela muito estragada, quase que não se enxergava bem, por ser muito antiga”.

sobre Jesuíno José Ferreira, hoje um artista ainda pouco estudado, para que se possa traçar um perfil artístico da sua obra. É um personagem desse meio, que de fato merece um trabalho mais profundo que nos possibilite entender melhor quem é o artista, sua área de atuação, seus laços profissionais e assim fortalecer a hipótese colocada e desenvolvida nesse artigo.

**Matriz de São João del-Rei:
Fase 3: 1816 - 1850**

1816- 1850



Foto Levantamentos 2019 – Acervo do IPHAN

Enviado em: 31/01/22 - Aceito em: 08/04/22

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVARENGA, Luís de Melo. **Catedral Basílica de Nossa Senhora do Pilar.** São João del-Rei, 1994.

ALVIM, Sandra. **Arquitetura religiosa colonial no Rio de Janeiro**: plantas, fachadas e volumes. Rio de Janeiro: Editora UFRJ; IPHAN; Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, 1999.

CINTRA, Sebastião de Oliveira. **Efemérides de São João del-Rei**. Belo Horizonte: Imprensa Oficial do Estado de Minas Gerais, 1982.

GRAÇA FILHO, Afonso de Alencastro. **A princesa do oeste e o mito da decadência de Minas Gerais**: São João del Rei (1831-1888). São Paulo: Annablume. São João del Rei: UFSJ, Funtir, 2002.

SANTOS FILHO, Olinto Rodrigues. **Manoel Victor de Jesus, pintor mineiro do ciclo rococó**. In: Revista Barroco. Belo Horizonte: UFMG, 1983. (Publicação nº 12), p.231-142.

VIEGAS, Aloísio José. A Ordem Terceira de Nossa senhora do Monte do Carmo de São João del-Rei e sua igreja. In *Revista do IHG de São João del-Rei*, n. VI. São João del-Rei: IHGSJ, 1988, p.45-58.

VIEGAS, Augusto. Notícias de São João del-Rei. Belo Horizonte: Imprensa Oficial do Estado de Minas Gerais, 1942.